

UMA ANÁLISE DAS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS NOS TEXTOS DE PATATIVA
DO ASSARÉ

*ANALYSIS OF THE LANGUAGE VARIETIES IN THE PATATIVA DO ASSARÉ
TEXTS*

Prof. Me. Paulo Santiago de Sousa (CAPES/PROEX)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
profpaulosantiago@gmail.com

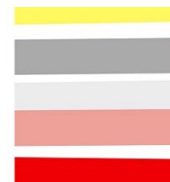
Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
jtm.jau@uol.com.br

Resumo: O trabalho tem como objetivo apresentar uma análise dos níveis de variedades linguísticas presentes em cinco poemas de Patativa do Assaré. Foram retirados versos dos poemas em que se pode constatar o fenômeno da variação intralingüística fonético-fonológica, morfológica, sintática, lexical, semântica e estilístico-pragmática. A análise parte do pressuposto de que a diversidade linguística é inerente à língua e utiliza os textos de Patativa com o propósito de averiguar as motivações do poeta ao usar tais níveis de variações na escrita de seus textos. Por ser um poeta do meio rural, com pouca escolaridade, Patativa quis mostrar a língua usada por seus conterrâneos como marca de uma identidade linguística ou sua escrita é marca de uma falta de possibilidade fora do não padrão? Para fomentar a discussão sobre os níveis de variação linguística buscamos os seguintes suportes teóricos: Bagno (2003; 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Mollica (2003), Loures (2000), Mattos e Silva (1995). A pesquisa é de cunho bibliográfico e exploratório na medida em que se analisaram os níveis de variedades linguísticas numa amostra de cinco poemas de Patativa do Assaré. Como resultado, apresenta-se uma discussão do questionamento levantado, que pode permitir um diálogo com outros autores, como os de cordel, por exemplo.

Palavras-chave: Variedades linguísticas; Patativa do Assaré; Poemas.

Abstract: The paper aims to present an analysis of the levels of linguistic varieties present in five poems of Patativa do Assaré. Verses were taken from the poems in which the phenomenon of intralinguistic phonetic-phonological, morphological, syntactic, lexical, semantic and stylistic-pragmatic variation can be seen. The analysis assumes that linguistic diversity is inherent in language and uses Patativa texts in order to ascertain the poet's motivations in using such levels of variation in the writing of his texts. Being a poorly educated rural poet, did Patativa want to show the language used by her countrymen as a mark of a linguistic identity or is her writing a mark of a non-standard lack of possibility? In order to stimulate the discussion on the levels of linguistic variation we seek the following theoretical supports: Bagno (2003; 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Mollica (2003), Loures (2000), Mattos and Silva (1995). The research is bibliographic and exploratory in that the levels of linguistic varieties were analyzed in a sample of five poems from Patativa do Assaré. As a result, we present a discussion of the question raised, which may allow a dialogue with other authors, such as those of Cordel, for example.

Keywords: Linguistic Varieties; Assaré Patativa; Poems.

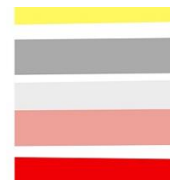


Introdução

A variação sociolinguística no português brasileiro é uma realidade incontestável. Marcado por uma heterogeneidade facilmente constatada, o idioma que falamos carrega uma diversidade proporcional às diferenças socioculturais existentes em nosso país. Essa característica comprova que a variação é fenômeno inerente a todo sistema linguístico, tanto o escrito quanto o falado, em todos os lugares do mundo (PAIVA; SCHERRE, 1999).

Toda diversidade no sistema linguístico não acontece sem motivo. Conforme Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007), a variação é decorrente dos aspectos sociais diversificados presentes na sociedade, ou seja, a estratificação sociocultural é quem determina a diversidade entre os falares. Labov, em 1964, conclui uma pesquisa sobre a estratificação do inglês falado na cidade de Nova Iorque, na qual faz a apresentação de um modelo de análise da variação linguística correlacionando com fatores sociais nas comunidades urbanas, tirando conclusões significativas para tal correlação. Diante desse pressuposto, Labov (1972) vem dar a conhecer o que a maioria dos pesquisadores atuais reafirma: a heterogeneidade não é aleatória e inexplicável, pelo contrário, é passível de ser descrita e analisada, ela faz parte da língua e é ordenada por motivações linguísticas restritas e extralinguísticas, conforme reafirmam os autores atuais, tais como Alkmin (2007), Bagno (2007), Paiva; Scherre (1999); Bortoni-Ricardo (2004) em plena consonância com Labov (1972). Percebe-se, assim, que são essas restrições a causa principal que leva os falantes a usarem o idioma de forma variada.

Nosso objetivo aqui é averiguar a variação linguística no português brasileiro por meio de textos literários do poeta Patativa do Assaré, haja vista ele apresentar uma linguagem diferenciada dos demais poetas de seu tempo, marcando sua poesia com uma forte temática regionalista, cuja linguagem é a principal expositora da cultura de seu povo. Outra motivação foi por encontrarmos na Literatura uma fonte capaz de indicar as bases socioculturais de uma comunidade, na qual a linguagem é o principal instrumento das relações interpessoais, instrumento este que é o suporte indispensável à Literatura. Nossa finalidade também é chamar a atenção para a diversidade linguística de nosso idioma, sinalizando para as razões de natureza sociocultural e não de natureza estritamente linguística responsáveis pelas atitudes preconceituosas contra os falantes que fazem uso de uma linguagem diferente da padrão-culta, além de mostrar que as diversas formas de falar, as variedades linguísticas, são valiosas em recursos estilísticos e se adéquam aos contextos de uso das comunidades que delas se servem.



1. Patativa do Assaré: a voz da poesia nordestina

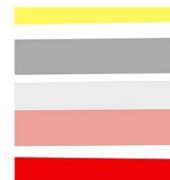
Este tópico discorre brevemente sobre a vida e obra de Patativa do Assaré e é resultado de uma pesquisa bibliográfica em sites¹ e autores como Debs (2000) e Rebouças (2017). Segundo Rebouças (2017) Patativa do Assaré é o cognome do poeta Antonio Gonçalves da Silva, nascido a 5 de março de 1909, em Assaré, sul do estado do Ceará. É o segundo filho do casal de agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva. Patativa residia em uma humilde propriedade rural onde trabalhava com seus pais e seus quatro irmãos, retirando dali o sustento da família com o cultivo da agricultura de subsistência. Seu pai morrera quando Antonio tinha somente oito anos de idade, fato que leva o então menino a responsabilizar-se pelo cultivo das terras de sua família. O sofrimento do poeta aumentou quando perdeu a visão do olho esquerdo aos 14 anos, em consequência de uma misteriosa doença.

Aos doze anos Patativa começa a frequentar a escola da região onde nascera e, por conseguinte, é alfabetizado num período de seis meses. Nesse curto período em que foi alfabetizado, descobre a literatura escrita por meio dos folhetos de cordel e, a oral, pelos cantadores repentistas e violeiros nordestinos, começando, em seguida, a compor os primeiros versos, o que o tornou um autodidata. Apesar da difícil condição de sobrevivência da família do jovem poeta, aos 16 anos conseguiu, com muito sacrifício, comprar uma viola, investimento feito com a venda de uma ovelha². De posse do objeto, começa a fazer cantorias, atendendo a convites de conterrâneos admiradores de seu especial talento artístico, tornando-se respeitado violeiro. Aos vinte anos visita o estado do Pará onde conhece o escritor cearense José Carvalho de Brito, que lhe homenageia com um capítulo do livro que escrevera na ocasião, além de publicar os primeiros textos do poeta no jornal “O correio do Ceará”, onde era colaborador.

José Carvalho de Brito é o primeiro a comparar a poesia livre e espontânea de Antonio Gonçalves da Silva ao canto de uma das aves mais conhecidas, de canto suave, apreciado e enternecedor, a Patativa, ave oriunda do nordeste brasileiro, a qual dá origem ao pseudônimo do poeta. E para diferenciá-lo dos outros violeiros, acresce o topônimo da cidade onde nasceu, Assaré. Completa-se o perfil de Patativa do Assaré, que de perseguidor e matador de aves

¹ <https://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/> ; https://www.ebiografia.com/patativa_assare/

² <https://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/>. Acesso em 10 jan. 2019.

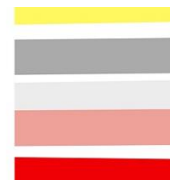


transforma-se em seu imitador.³ É, agora, o pássaro-poeta. Além de sua admirável verve poética é, então, a viagem realizada pelo poeta ao estado do Pará com duração de apenas seis meses uma contribuição significativa para transformação de Antonio em Patativa, a voz da poesia nordestina. Após o período em que vislumbra as belezas amazônicas, retorna a sua inesquecível terra natal, o Ceará. (REBOUÇAS, 2017)

Debs (2000) informa que em 1956, com o apoio de José Arraes de Alencar, Patativa publica seu primeiro livro denominado “Inspiração Nordestina”. O sucesso da antologia leva à publicação de uma segunda edição com acréscimos, chamada “Cantos de Patativa”, no ano de 1967. Três anos depois é lançada no mercado uma nova coletânea de poemas. Pelo fato de alcançar um alto índice de vendas, essa coletânea dá margem para que em 1978 ocorra o lançamento da compilação “Cante lá que eu canto cá”, por iniciativa do professor Plácido Cidade Nuvens. O livro “Ispinho e Fulô” é outra antologia de textos do poeta publicada em 1988, dirigida por Rosemberg Cariry, que também organiza essa antologia, pesquisando em varias fontes como: discos, jornais, revistas, folhetos e “produtos de numerosos recitais feitos pelo país” (DEBS, 2009). E na ocasião de seu octogésimo sexto aniversário, em 1994, é lançada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará a obra “Aqui tem coisa”. Esta coletânea destaca-se pela magnífica técnica da improvisação dos versos orais e uma forte originalidade em sua linguagem, conforme a estrofe a seguir retirada do poema “Aos poetas clássicos”:

“Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá.
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professo
Filisberto de Carvaio.”

³ Informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/patativa_assare/. Acesso em: 10 jan. 2019.



Essa originalidade na linguagem empregada por Patativa, com aspectos de uma poesia proclamada, cantada, fazendo referência à comunidade em que reside, deixava evidente a realidade sociocultural de seu povo.

2. Variedades linguísticas nos textos de Patativa do Assaré: a língua como atividade social

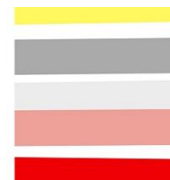
Segundo Bagno (2007) “a variação ocorre em todos os níveis da língua”. Isso porque ela é, sem dúvida, heterogênea, instável, mutável, está a todo o momento em processo de variação, pois existe na coletividade. E por isso “em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação” (MOLLICA, 2003). São as variedades sociolinguísticas.

Entende-se que a variação se configura nos atos da fala, independentemente de forças contrárias, em todos os níveis socioculturais existentes na sociedade, ou seja, faz parte da vida social, e deve ser respeitada pelo fato de integrar a cultura, a história de todos os cidadãos, mas que sofre constantes preconceitos sociais, principalmente as variações exibidas nos falares das classes menos favorecidas na escala social.

Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007) ao discutirem em respectivas obras sobre a Sociolinguística variacionista e suas implicações na sociedade e, mais especificamente, no processo de ensino/aprendizagem, mostram de forma bastante didática a diversificação que ocorre nos níveis da língua. Essas variações estão presentes nos níveis linguísticos: fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico-pragmático.

Em Patativa do Assaré encontraremos muitos exemplos de variações intralinguísticas em todos os níveis linguísticos expostos acima. Assim, procederemos retirando dos textos *Language dos óio*, *Aos poetas clássicos*, *Cante lá que eu canto cá*, *Mãe Preta*, *O sabiá e o Gavião* do referido poeta as variantes idioletais⁴ encontradas para sua posterior análise.

⁴ Idioleto – é o modo individual de falar de uma pessoa, suas escolhas fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e estilístico-pragmáticas.



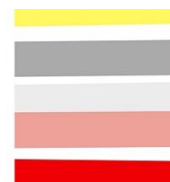
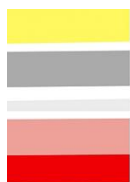
2.1 Variação fonético-fonológica

Nível de variação que ocorre na forma de se pronunciar determinadas palavras, nos sons; no português brasileiro podemos perceber a diferença na pronúncia de (tia/tchia, porta/porrrta) na omissão do /r/ nos infinitivos verbais (cantar > cantá, correr > corrê), na redução do /n/ do grupo consonantal /nd/, uma das marcas do gerúndio (bricando > brincano), etc. Como nosso objetivo é analisar as marcas da variação representadas na escrita nos textos do poeta do Assaré, selecionamos a seguir algumas evidências desse tipo de variação:

VARIEDADE FONÉTICO-FONOLÓGICA EM PATIVA DO ASSARÉ	
1	Apagamento de segmentos: a) Representação da vogal acentuada pela redução da consoante final r [h] em sílabas átonas finais: recordá, negá, visioná, oiá, desafiá, recortá, trabaiá, chorá, achá, decifrá, recordá, utilizá, namorá, falá, desafiá, sentá, escutá, iscutá, cantá, disanimá, contá, vagá, armoçá, ficá, importá, iscrevê, defendê, qué, dizê, sê, fazê, vivê, vê, recebê, istruí, invejá, divagá, curá, fumá, pecá, morrê, cantô, amô. b) Redução da vogal inicial da palavra: aférese ⁵ : (a) nalisa, (e) lugio c) Redução da sílaba inicial: (es) tô, (es) tava c) Monotongação em: (ou) uvi, (ou) uvindo, chegaro (am), levantaro (am), bejei (ei), levaro (am), dixando (ei).
2	Inserção de segmentos: a) sílaba inicial: im proibiro. Em alembrá ocorre ainda a marca do arcaísmo ‘alembrar’.
3	Mudanças de traços ou especificação de traços a) alteamento da vogal pela harmonia vocálica: sintia, s intindo, inraiv i cido, i ziste ⁶ b) desassimilação de traço: ve ve (i) c) assimilação de traço: p issui (o), d) enfraquecimento da palatal: a vocalização do fonema /λ/ e perda do /j/, este representado na escrita por ‘m’. fiote, fiinho, oiava, oiô, cafezim d) comutação: incronta, preciga, perguntei, pefeição, percurava e) rotacismo: refritisse, pranta, parpita, jurguei, revortado

⁵ De acordo com Câmara Jr. (1986) a tendência à aférese decorre da vogal inicial que constitui sílaba simples possuir pouca força expiratória. Na diacronia constatamos várias mudanças ocorridas, como em inodiu > enojo > nojo; assim também como ocorre confusão da sílaba inicial com o artigo definido, como em obispo > bispo.

⁶ Neste caso a ortografia sugere a relação com o som [z].



Patativa, pelo que se conhece sobre sua vida, tinha a capacidade de escrever textos de acordo com as exigências das gramáticas normativas, nesse sentido, sua verdadeira intenção era mostrar o falar caipira característico do sertanejo nordestino⁷. Desse modo, o quadro acima reflete uma variedade de usos comuns na linguagem, muitos ao longo dos anos adquiriram status de forma padrão, enquanto outros, relacionados às mesmas indicações de mudanças fonológicas, perderam prestígio, constituindo marcas estigmatizadas, como em ‘veve’ (sofrendo a troca da vogal tônica /e/ > /i/), ‘pissui’ (troca da vogal pretônica /o/ > /i/), ‘percurava’.

Nas palavras que foram grafadas e conjugadas nas formas verbais do pretérito perfeito da terceira pessoa do singular, omitiu-se o /u/ final; a exemplo disso temos em Patativa: tirô > tirou; cantô > cantou; amo > amou.

Ao usar nos seus textos formas como ‘revortado’ e ‘parpita’, Patativa em vez de escrever a consoante “l”, escreveu o “r”, fenômeno (troca de /l/ pós-vocálico por /r/), frequentemente, percebido “nos falares rurais igualmente avaliados muito negativamente nas cidades” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 55).

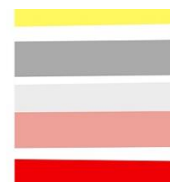
2.2 Variedade morfológica⁸

Variação ocorrida na categoria gramatical das palavras (gênero, número, grau, pessoa, modo, tempo, aspecto). Nos textos de Patativa muitas palavras exibem variações dessa natureza; as maiores evidências estão relacionadas ao grau do substantivo que constitui o sintagma nominal e o tipo de pluralidade desse núcleo. Em relação ao grau, observa-se a variação nos substantivos aumentativos e diminutivos com predominância na forma sintética:

POEMAS	VERSOS
O SABIÁ E O GAVIÃO	<i>Pruquê cronta os passarinho</i>
	<i>Dois Santo Antôï pequenininho</i>
	<i>Dois anjinho do infinito</i>
	<i>Os seus corpinho rosado</i>
	<i>Mexesse nos passarinho</i>
AOS POETAS CLÁSSICOS	<i>E ôtras coisinha aprendi</i>
MÃE PRETA	<i>Estes verso pequenino</i>
	<i>Bem cedo domenhãzinha</i>

⁷ Vale ressaltar que muitas das variações linguísticas ocorridas nos textos de Patativa, também são encontradas em falantes de outras regiões geográficas e no uso linguístico de classes socioculturais privilegiadas.

⁸ A Morfologia é frequentemente definida pelos linguistas como o componente da Gramática que trata mais especificamente da estrutura interna das palavras.



Estas palavras que, segundo as Normas da Gramática Portuguesa, contém irregularidades em suas estruturas morfológicas⁹ ao serem colocadas nas frases, não são flexionadas para obedecer às formas de concordância sugeridas pelos determinantes. São tratadas preconceituosamente por muitos puristas, pois eles levam em consideração o fato de que elas transgridem as regras estipuladas e valorizadas pela gramática normativa. A maior parte dos substantivos que são acompanhados pelo determinante (por exemplo, por um numeral ordinal “dois”) não recebe a flexão de número-plural, como em ‘Dois Santo Antão pequeninino’, ‘Dois anjinho do infinito’. No que diz respeito ao grau, tanto os diminutivos quanto os aumentativos não se apresentam nas formas dadas pelo autor seguidos da marca de pluralidade, conforme observamos em ‘Os seus corpinho rosado’, ‘Estes verso pequenino’. Em ‘dormenhãzinha’ observamos a derivação com o sufixo diminutivo **-inh** feita com o radical ‘dormenhã-’, que por sua vez foi formado com o aumentativo **-nhã(o)**. Neste caso a concomitância de ‘inh’ e ‘ã’ não são paradoxais, uma vez que o diminutivo é um atenuativo que considera o valor afetivo ou de familiaridade na constituição dessa forma, não necessariamente o valor relacionado ao grau (tamanho). Vale destacar o valor discursivo dos afixos de grau, que segundo Loures (2000) os sufixos diminutivos têm como principal função, a afetiva. Expressam não necessariamente a dimensão do referente, mas a afetividade do falante, conforme se observa no uso de: ‘anjinho’, ‘corpinho’, ‘coisinha’.¹⁰

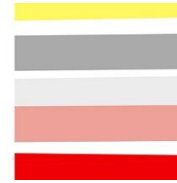
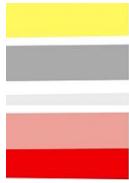
137

Outro fator morfológico que sofre variação nos textos de Patativa é a marca de número no sintagma verbal. Os verbos dificilmente recebem a marca do plural quando os seus determinantes estão flexionados, além da ausência do “r” nessa classe de palavra quando colocada no final do verso:

POEMAS	VERSOS
CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ	<i>Nóis dois samo bem iguá</i>
O SABIÁ E O GAVIÃO	<i>Mais bonito eles ficava</i>
MAE PRETA	<i>Quando o amor e a simpatia/ Toma conta da criança</i>
	<i>Depois uns home chegaro</i>
	<i>Os ispinho do destino/ Começaro a me furá</i>

⁹ A maior parte dos exemplos citados para exemplificar a variação morfológica pode ser claros exemplos, também, de variação morfossintática, pois provocam mudanças no plano sintático. Nesse sentido todas as variações de concordância nominal e verbal são variações morfossintáticas.

¹⁰ Segundo Sandman (1989) existe alguns vocábulos portadores de grau que não expressam afetividade: ‘camisinha’ (“preservativo”).



O uso de palavras dessa natureza reforça a ideia defendida pela Sociolinguística Variacionista no Brasil: não existe homogeneidade em todo o idioma português falado no território brasileiro. Desse modo, o português apresenta-se como um diassistema, basta à observação acerca da linguagem empregada por Patativa do Assaré. Muitas variações – na maioria nas formas verbais – ao serem grafadas nos textos, em vez de receberem a marca de infinitivo (-r), são reduzidas nas sílabas finais pela acentuação das vogais, o que representa na escrita, por meio do acento gráfico, a marca da oralidade.

Patativa apresenta uma literatura diferenciada pela marcação do falar local, pontuando os aspectos mais relevantes dos traços linguísticos observados por esses falantes – conterrâneos do poeta, razão por que manifesta a intenção de mostrar o falar caipira característico de seu povo. Ao usar nos seus textos a conjugação verbal do tipo, “revortado e parpita”, Patativa em vez de escrever a consoante “l”, escreveu o “r”, fenômeno (troca de /l/ pós-vocálico por /r/), frequentemente empregado por pessoas do meio rural.

Cabe acrescentar o valor da distinção do trabalho dessa poesia, já que muitas das variações linguísticas ocorridas em palavras de Patativa, também podem ser encontradas nos textos orais – e por que não escritos? - em outras regiões geográficas e de classes socioculturais privilegiadas.

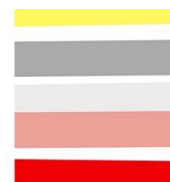
138

2.3 Variedade sintática

A variação sintática ocorre na forma de combinação das palavras na frase e das frases no texto. Nesse caso específico de variação, observa-se em Patativa um vasto campo de estudo sobre a organização sintática de seus textos, isso se deve à habilidade linguística deste escritor em dispor as palavras nas sentenças das mais variadas maneiras para transmitir novos sentidos aos textos. A esse exemplo podemos citar:

2.3.1. Inversão na colocação do verbo na frase: na organização sintagmática do português as palavras são dispostas na seguinte ordem S+V+O¹¹, contudo em alguns falares - que iremos

¹¹ Para Bagno (2003, p.27) a ordem mais natural e “frequente de ocorrências das palavras no enunciado simples do português é SUJEITO-VERBO-OBJETO”. Por esse motivo é classificada pelos linguistas como uma língua SVO.



exemplificar com frases de textos do poeta em estudo - percebemos a inversão dessa estrutura, principalmente no que se refere à disposição do verbo.

POEMAS	VERSOS
CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ	<i>Que na cidade nasceu</i>
	<i>Quando a ventania vem</i>
MÃE PRETA	<i>Se as vezes eu brincando tava</i>
	<i>Dentro de um quarto vivia</i>
LINGUAGE DOS ÓIO	<i>E com cuidado nalisa</i>
SABIÁ E O GAVIÃO	<i>Ia no espaço correndo</i>

2.3.2 Variação quanto à colocação pronominal: um fenômeno linguístico muito comum na fala do povo brasileiro é a preferência da utilização do pronome átono no início de frase, também encontrado em Patativa. Além disso, em outras posições há também a utilização preferencial do pronome antes do verbo, como nos dois últimos versos do quadro abaixo:

POEMAS	VERSOS
LINGUAGE DOS ÓIO	<i>Lhe deu tudo que precisa</i>
AOS POETAS CLÁSSICOS	<i>Me considero feliz</i>
CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ	<i>Se as vez andando no vale</i>
	<i>Me abraça beja e qué bem</i>
	<i>Já lhe dei grande conseio</i>
	<i>Já lhe mostrei um ispeio</i>

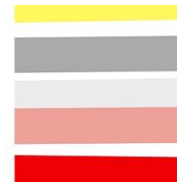
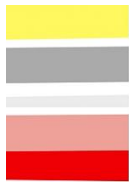
139

Conforme descrevemos nos exemplos citados sobre variação sintática em que mencionamos recursos da língua passíveis de ocorrências variacionistas no português, concluímos que estes casos são os maiores alvos de variação. No entanto, podemos detectar outros focos variáveis, como os de concordância e flexão de adjetivos, casos típicos de variação morfossintática, observado em:

POEMAS	VERSOS
LINGUAGE DOS ÓIO	<i>Nem mesmo os grand^Ø2 oculista^Ø</i>
	<i>Dos orgo^Ø visioná^Ø</i>
	<i>Os dotô que munta¹³ ^Øestuda^Ø</i>
O SABIÁ E O GAVIÃO	<i>Pelos mato^Ø sem destino</i>
	<i>Detrás das nuve^Ø, escondido</i>

¹² O símbolo (Ø) é utilizado neste trabalho para chamar a atenção à ausência da marcação do plural nos verbos ou nomes.

¹³ Registra-se o uso de “munta” em vez de muitas. Possivelmente “munta” seja usado na fala coloquial de muitos sertanejos e o poeta quis registrar a identidade linguística de sua comunidade.



2.3.3 Substituição de haver por ter: a variação entre as formas *ser* e *haver* em construções existenciais já era verificada no latim vulgar, representadas pelo verbo *esse* no latim clássico, no qual, *habere* estava em competição com *tenere* em construções possessivas nos séculos IV e V. No latim vulgar, *aver* começou a perder os significados do verbo *habere* (do latim clássico: *possuir, obter, manter, reter, segurar, conter, deter*, entre outros), que passaram ao domínio do verbo *teer*, restringindo-se somente ao significado de *possuir* (MATTOS E SILVA, 1995).

Verifica-se nos versos citados abaixo que esse recurso gramatical ocorre com maior frequência em sequências linguísticas nas quais o verbo ocupa a primeira posição.

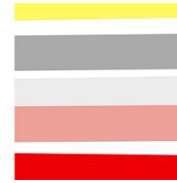
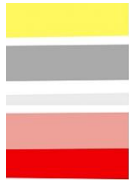
POEMAS	VERSOS
LANGUAGE DOS ÓIO	<i>Tem mais um grande misteru</i>
	<i>Tem o oiá querendo bem</i>
O SABIÁ E O GAVIÃO	<i>Contra os passarinho/ Tem o gavião maldito</i>
	<i>Tem canto que me cativa</i>
	<i>Tem musga que domina</i>
CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ	<i>Tem tanta coisa incantada</i>

140

Mesmo que seja predominante o emprego do verbo *ter* no lugar *haver* nos versos exemplificados para atender supostamente uma questão estilística, não podemos deixar de mencionar essa tendência sincrônica na língua portuguesa que, conforme Mattos e Silva (1995), já era usual no latim vulgar.

2.3.4 Variação na colocação de advérbios de negação, como em:

POEMAS	VERSOS
CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ	<i>Pois se não sabe o colega</i>
	<i>lá não vou</i>
	<i>Você não sai agora não</i>
AOS POETAS CLÁSSICOS	<i>Não tem sabô a leitura</i>
	<i>calado eu não vou fica</i>
O SABIÁ E O GAVÃO	<i>Eu falo sero, não minto não</i>
	<i>Uma ideia inda não fez, não</i>

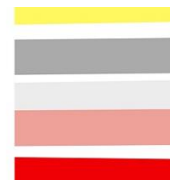


Observa-se que o poeta fez a opção por alterar a ordem das palavras nos versos, especialmente do advérbio de negação com o intuito estilístico, ou seja, para obter a poeticidade dos versos. A recorrência do referido advérbio, a exemplo dos dois últimos versos, é um clássico artifício morfossintático que busca reiterar uma ideia e dá uma rima melódica ao poema.

2.4 Variedade lexical

Existe variação sociolinguística lexical quando vocábulos diferentes se referem a “mesma coisa”¹⁴, por exemplo: ‘cademia’, ‘Virge Pura’, ‘verdô’, ‘mucunzá’, ‘magote’, ‘Autô’ ‘Soberano’. Essas variações podem verificar-se, como se disse, de época para época, de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, etc. No caso específico desses vocábulos retirados dos textos de Patativa do Assaré podemos destacar uma visível variação no nível lexical que se estabelece de forma poética e criativa, procurando demonstrar a característica cultural de uma determinada comunidade, o Assaré. O vocábulo “Cademia” foi usado no texto para referir-se a Instituição de ensino superior, em outros lugares ou para outras pessoas Academia podem receber a denominação de Universidade ou Faculdade e em outro contexto, lugar onde se pratica exercícios físicos. A mesma variação ocorre em “Virge Pura” referindo-se a Maria, mãe de Jesus Cristo; em outros lugares de acordo com a crença religiosa prefere-se o título Virgem Maria, Virgem santíssima, Virgem de Fátima, Rainha dos céus, Rainha da Paz, Nossa Senhora, Rosa Mística, etc. Em Belém-Pará, na fala do povo Belenense, certamente, encontraremos com maior frequência o título de Nossa Senhora de Nazaré ao relacionar-se a Maria por motivos comemorativos e festivos do Círio de Nazaré. No vocábulo “verdô”, o poeta faz referência ao período de vida conhecido pela maioria das pessoas em outros lugares como juventude. O mesmo fenômeno variacionista observa-se em “mucunzá”, tipo de mingau feito de milho, muito conhecido como mingau de milho, que na comunidade de Patativa recebe o nome vindo da cultura africana, o ‘mucunzá’. Ainda nos chama a atenção à preferência pelo uso do título “Autô Soberano” em praticamente todas as vezes que o poeta quer se referir a Deus; assim como acontece, também, com o termo “magote”, usado preferencialmente em vez de “muitas”... *Entrei na sala e dei fé/Qui um magote de muié/Tava*

¹⁴ BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 40.

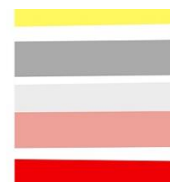


rezando oração... Com todos esses exemplos de variação lexical citados em Patativa do Assaré podemos perceber o quanto a língua portuguesa brasileira é heterogênea, merecendo estudos variacionistas sistemáticos, os quais nos possibilita conhecê-la com maior propriedade. Foi por meio de análises linguísticas dos textos de Patativa que chegamos a verificar a preferência linguística dos falantes conterrâneos do poeta, preferência esta ocorrida com regularidade e que concorre com outras formas e vocábulos na fala corrente.

Essa necessidade de se identificar e registrar as variedades da língua portuguesa, na sua variante brasileira, tem sido alvo de constantes pesquisas direcionadas à coleta lexical em diferentes pontos do país. Prova disso, são os estudos desenvolvidos em todo país para publicar resultados no âmbito do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB) com amostras dialetais das cinco regiões brasileiras. Nesse sentido esta proposta insere-se na busca de evidenciar, a partir da fala dos brasileiros-informantes, variedades existentes na língua portuguesa e apontar, a partir desses dados, os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais que caracterizam esta variante brasileira.

2.5 Variedade semântica

Essa variação ocorre quando uma mesma palavra é utilizada com significados totalmente diferentes, isso se dá, principalmente, em decorrência da localização geográfica do falante, como por exemplo: as palavras ‘dotô’, ‘indução’, ‘inocente’, ‘inocença’, ‘sarapaté’, sisudo, etc. Na escrita de Patativa a palavra “dotô”, foi empregada para designar qualquer pessoa que tenha alcançado um nível de escolaridade elevado, ou que ocupe posição social destacada nessa comunidade de fala, não necessariamente aquele que possui o grau acadêmico de Doutorado, além disso, falantes de outros lugares preferem usar esse título para fazer referência aos médicos, advogados, engenheiros, etc. Quanto ao uso do termo “indução” o poeta do Assaré indica-nos que algumas pessoas usam-no para referirem-se unicamente àqueles que frequentaram os bancos escolares, todavia sabemos que o termo educação significa desenvolvimento das capacidades física, intelectual e moral do ser humano, não dependendo exclusivamente da participação na escola para desenvolver tais capacidades. Em “inocente e inocença” encontramos outros típicos casos de variação semântica, visto que foram empregadas no sentido de ingenuidade, fazendo alusão a um ser de tenra idade. Sabe-se



que as palavras inocente e inocência podem significar falta de culpa, inofensivo, algo ou alguém puro, sem malícia. “Sarapaté”, vocábulo escrito por Patativa para mencionar a característica, por ele sugerida, aos versos poéticos de poetas escolarizados “Seu verso é uma mistura/É um tá de sarapaté”. Nesse caso, houve um processo de transposição semântica, pois sarapatel é uma mistura comestível feita com sangue e miúdos de porco ou carneiro. Por sua vez o emprego de “sisudo” foi usado para demonstrar o sentimento de raiva, enraivecido, mas que se difere do conceito encontrado nos dicionários; no dicionário Aurélio a palavra “sisudo” é definida como alguém que tem siso, juízo, conceito este muito adverso do sentido em que foi escrito por Patativa.

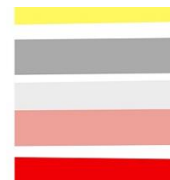
Curiosamente acontece com o emprego do léxico “franga” na frase *Nessa franga de muiê*, em que a carga semântica da palavra em destaque é completamente diferente da do conceito encontrado nos dicionários. Nestes a palavra franga significa “Galinha nova, que ainda não põe”. No texto Patativa usou essa palavra para indicar uma mulher jovem, moça.

Nessa perspectiva, Patativa mostrou-nos a variação de significado de muitas palavras em nosso idioma, o português brasileiro, decorrentes de uma série de fatores sociais e culturais que o modificam constantemente e o faz uma língua rica e diversificada.

2.6 Variedade estilístico-pragmática

Tipo de variação que ocorre no plano da intencionalidade comunicativa, dependendo da interação social dos interlocutores e destes com o ambiente. Para Bagno (2007) a variação estilístico-pragmática está envolta a situação de interação social intercomunicativa, “marcadas pelo grau maior ou menor formalidade do ambiente de intimidade dos interlocutores”. Em se tratando de Patativa, temos enunciados do tipo:

POETAS	VERSOS
O SABIÁ E O GAVIÃO	<i>Já que tô de mão na massa</i>
	<i>Quase que eu dava um desmaio</i>
	<i>Gavião fí duma égua</i>
	<i>Sou um caboco rocêro</i>
AOS POETAS CLÁSSICOS	<i>Cante lá, que eu canto cá</i>
	<i>Me tirou da treva escura</i>
CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ	<i>Pra toda parte que eu óio vejo um verso se bulí.</i>

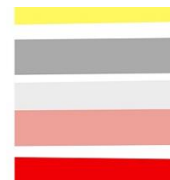


De posse desses enunciados verificamos o quanto o uso da língua se diferencia num mesmo idioma. Novamente retomamos os princípios básicos da Sociolinguística de que as línguas variam em todos os níveis. É claro, também, que essa variação não impede o entendimento comunicativo entre os falantes da mesma língua materna, pelo contrário, nos alerta para as diferenças culturais, sociais e conseqüentemente linguísticas. Temos, então, nos exemplos expostos sobre variação estilístico-pragmática em Patativa, claros exemplos de exibicionismo variacionista, haja vista, o poeta apossar-se de marcas linguísticas que impressionam o leitor-pesquisador pelas suas características peculiares, como em: “Já que tô com a mão na massa”, que pode ser dita de outras maneiras por outros falantes, “Já que estou conversando sobre isso”, “Aproveito o momento propício...”, “Vou aproveitar o assunto para falar...”; “Quase eu dava um desmaio” apresenta outras possibilidades como: “Por pouco não desmaiei”, “Olha, foi por um fio que não apaguei”; O mesmo acontece no enunciado “Cante lá, que eu canto cá”, que pode ser falado ainda: “Cante as coisas da sua terra, que eu canto as da minha”, “Fale do que você conhece que eu falo do que conheço”; Em “Gavião fí duma égua”, podemos variar dizendo: “Gavião desgraçado”, “Gavião miserável”, “Gavião infeliz”, “Gavião sem piedade”... E nessa seqüência de possibilidades linguísticas segue os demais exemplos.

Fica registrada, nessas condições, a reflexão de que toda variação que ocorre na língua não subsiste porque é aleatória, ela é, como diz Bagno (2007) “estruturada, organizada por diferentes fatores”, seja ele diatópico, diastrático, diafásico, diamésico e diacrônico.

Considerações finais

Adentrar no universo literário de Patativa do Assaré é vislumbrar o melhor da poesia sertaneja, que teve neste autor um de seus maiores representantes. A poesia nordestina representada neste trabalho pelo poeta do Assaré retrata a grandiosidade da linguagem utilizada por ele, cria elos com o ambiente em que vivia, fazendo com que os leitores/ouvintes experimentem o sabor da vida cabocla, com as alegrias e dificuldades típicas dela. Essa linguagem deu margem às análises variacionistas expostas neste trabalho, pois ela abrange inúmeros fenômenos linguísticos, os quais puderam ser descritos enquanto fatos da língua nos textos de Patativa.



Estes fenômenos ocorrem tanto na variedade coloquial, quanto na variedade padrão da língua, nas formas oral e escrita. Para Bagno (1999) um dos mitos existentes na Língua Portuguesa refere-se à relação entre fala e escrita, segundo ele grande parte da população acredita que se deve, obrigatoriamente, pronunciar as palavras da mesma forma que elas são escritas. Ao assumir essa postura, os falantes descartam o fato de que em toda língua há variação, e que existem diversas maneiras “corretas” de falar português. Essa relação entre o falar e o escrever é evidenciada nos textos de Patativa do Assaré que por vezes utiliza-se de termos considerados desprestigiados pela norma padrão para mostrar o modo de falar da comunidade em que vivia, do povo sertanejo. As palavras e expressões utilizadas pelo autor são vistas com desprezo por grande parte dos falantes escolarizados, já que a supervalorização da escrita em detrimento da fala está incutida na sociedade há muito tempo. Isso talvez tenha motivado o poeta a utilizar essa linguagem em algumas de suas obras, demonstrando as características e a beleza de versos escritos nessa variedade da língua.

Os níveis de variedades linguísticas constatadas nos textos de Patativa do Assaré colaboraram para exemplificar o modo diverso do falar do povo brasileiro nas diferentes regiões do país. Nesse sentido, a Literatura de Cordel do referido autor é uma fonte de pesquisa para os estudos sociolinguísticos, na medida em que apresenta especificidades do linguajar de determinada comunidade linguística, a de Assaré/CE.

145

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 40.

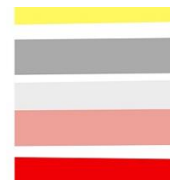
_____. **A norma oculta: língua & poder** na sociedade brasileira. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

BORTONI – RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora? : sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré: Um poeta cidadão**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

DEBS, Sylvie. **Patativa do Assaré uma voz do Nordeste**. São Paulo: Hedra, 2000.



LOURES, L.H.R. **Análise contrastiva de recursos morfológicos com função expressiva em francês e português.** Tese de Doutorado. UFRJ, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Variação e mudança no português arcaico: TER ou HAVER em estruturas de posse.** In: PEREIRA, C. C.; PEREIRA, P. R. D. (Org.). *Miscelânea in memoriam de Celso F. da Cunha.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 288-298.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fundamentação Teórica: conceituação e delimitação.** In: MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luíza. (org.) São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, M. A. & SCHERRE, M. M. P. **Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL.** *Linguística.* Alfal, 1999. Vol.11, p.203-230.

PATATIVA DO ASSARÉ. Cante lá que eu canto cá, Filosofia de um trovador nordestino. Editora Vozes: Petrópolis, 1978, p. 355.

REBOUÇAS, Myrlla Muniz. **Patativa do Assaré: poesia, canção e consciência.** Dissertação de Mestrado. UnB, 2017. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31530/1/2017_MyrllaMunizRebou%C3%A7as.pdf. Acesso em 10 jan. 2019.

SANDMANN, A. J. **Morfologia geral.** São Paulo: Contexto, 1989.

<https://www.infoescola.com/biografias/patativa-do-assare/>. Acesso em 10 jan. 2019.

https://www.ebiografia.com/patativa_assare/. Acesso em 10 jan. 2019.

Recebido em: 17 de outubro de 2019.

Aprovado em: 30 de outubro de 2019.